

Trajetórias auto/trans/formativas: diálogos e escuta docentes no PROEJA

Silvia Regina Montagner¹
Nisiael de Oliveira²
Caroline da Silva dos Santos³

Resumo

A presente investigação configura-se num estudo com docentes em formação permanente que atuam no Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA, tendo em vista a reconstrução de suas caminhadas, enquanto profissionais reflexivos e transformadores de sua própria prática. Sob esta orientação, esta pesquisa visou investigar os caminhos da trajetória docente nos momentos da formação permanente e, para isso, utilizou das narrativas auto/trans/formativas como dispositivos de pesquisa-formação com os docentes que atuam no Instituto Federal Farroupilha Campus Júlio de Castilhos nas turmas de PROEJA. No intuito de verificar quais os caminhos da trajetória docente que podem ser significativos e presentes nas narrativas acerca da auto/trans/formação em busca do “Ser Mais”. A pesquisa buscou aporte nas narrativas e na formação permanente e, assim, procurou estabelecer um diálogo com inúmeras referências sensíveis ao ser professor, que permeiam o trabalho, o que visa contribuir na análise dos movimentos de formação e nas trajetórias profissionais como um caminho de (re)construção docente. Assim, apontou para um potencial emancipador pelo olhar sobre nós mesmos, sobre a docência, a vida e a profissão da pessoa do professor, em especial quando construído o diálogo problematizador e reflexivo pela formação permanente, como foi o caso do PROEJA.

Texto completo

O presente projeto coloca o desafio da experiência do PROEJA como um campo de investigação e produção de conhecimento, de metodologias, propostas

¹ Montagner, Silvia. Pedagoga. Mestre em Educação pela UFSM. Coordenadora de Extensão do Instituto Federal Farroupilha Campus Júlio de Castilhos. (E-mail: smsilviamontagner@gmail.com)

² Oliveira, Nisiael. Mestre em Educação. Especialista em Gestão e Organização da Escola. Pedagoga. Técnica em assuntos Educacionais na UFSM. (E-mail: nisraeloliveira@bol.com.br)

³ Santos, Caroline. S. Pedagoga. Especialista em Gestão Educacional e Mestranda em Educação pela UFSM. (E-mail: Caroline.silva83@yahoo.com.br)

curriculares e a auto/trans/formação de professores voltados ao público da Educação de Jovens e Adultos - EJA integrada à educação profissional.

A educação no Brasil está legalizada no Art. 205 da Constituição Brasileira o qual define que “a educação é um direito de todos e dever do estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. E, conforme o Documento Base (2007, p.27), o PROEJA considera seus alicerces “a formação para a atuação no mundo do trabalho; o modo próprio de fazer a educação considerando as especificidades dos sujeitos jovens e adultos e a formação para o exercício da cidadania”.

Neste sentido, a ênfase e a razão desta investigação, é o educando nas suas múltiplas dimensões, sua identidade como jovem e adulto trabalhador e cidadão, bem como a sua diversidade sociocultural, inseridos como sujeitos de sua história, num democrático processo de restituição de direito negligenciado aos milhões de brasileiros que não podiam pagar para concluírem seus estudos após anos de evasão, abandono ou afastamento do cotidiano da vida escolar.

O PROEJA fica instituído pelo Decreto 5.840, de 13 de julho de 2006, que adota uma proposta de formação integrada para jovens e adultos e, sobretudo, explicita o grau de complexidade por estar relacionado a sujeitos em vulnerabilidade social. Portanto, traz na sua proposta um currículo contextualizado e significativo, pensado a partir das realidades e necessidades dos jovens e adultos, conforme diretrizes e documentos que legitimam a Educação de Jovens e Adultos no Brasil, pós Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional – LDB 9.394/1996.

Assim, as práticas educativas do PROEJA estão (e/ou precisam estar) articuladas a outras políticas de inclusão socioeconômica e desenvolvimento local, capazes de assegurar as oportunidades de elevação da escolaridade, com qualificação profissional, fruição cultural e participação cidadã aos brasileiros que tiveram este direito negligenciado por alguma razão.

A partir da compreensão em uma perspectiva global desta modalidade de ensino - a EJA/PROEJA - como uma possibilidade que visa contribuir para a melhoria das condições de inserção social, econômica, política e cultural dos jovens e adultos. Função que restitui e possibilita um processo qualitativo pela demanda do mercado de trabalho de forma globalizada e restauradora da capacidade emancipatória.

É por meio dos princípios da investigação-ação, enquanto pesquisa-formação, que o grupo realizou um trabalho colaborativo para a sistematização, que teve como objetivo capacitar os profissionais para atuarem na elaboração de estratégias que possibilitassem visualizar formas criativas nas atividades de ensino-aprendizagem e a sua articulação entre a perspectiva humanista, o mundo do trabalho e a contextualização com as realidades socioculturais e econômicas da região.

Consideramos que a identidade profissional do ser/fazer professor está em constante construção, tratando-se do momento em que este busca novos conhecimentos, busca consciência de sua condição de inacabado, como revela Freire (2005, p.84): “a educação se refaz constantemente na práxis. Para ser tem que estar sendo”. Assim, instaura um sentimento de busca constante de novos conhecimentos e o enfrentamento de novos desafios, característico ao universo dos profissionais da educação.

Com este pensamento de refazer-se, reinventar-se constantemente, por meio das auto/trans/formações continuadas, permanentes e inacabadas, o docente pode estar em constante diálogo e reflexão; e em busca não apenas do saber, mas também do fazer, no ponto em que cada vez mais se insere na ideia da busca pela ação-reflexão no seu dia-a-dia e que tenha como objetivo um saber mais e um fazer melhor. Zitzoski (2008, p 381), nos coloca que:

Esses impulsos, enquanto motores da história (são únicos), que a natureza humana foi elaborando em sua experiência existencial, são o que nos movem na direção de uma intervenção transformadora no mundo concreto, visando à superação de todas as situações limites que vai nos oprimindo, enquanto seres em busca do próprio “ser mais”.

Os processos de escolarização devem acontecer no momento em que os educadores conseguem refletir e intervir na própria prática por meio de um processo, de ação e de reflexão dialógica e cooperativa, de indagação e de experimentação e, assim, aprendem e ensinam concomitantemente, reconstruem e desenvolvem seu próprio conhecimento, caracterizados por saberes específicos da sua profissão.

Freire (1996, p 25), nos diz que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. Revela-nos, portanto, que, ao possibilitar momentos que instiguem a criticidade do educando como sujeito do seu processo de aprendizagem juntamente com seu educador, certamente sua prática vai ser diferenciada e contextualizada, pertinente ao contexto, permitindo que ao “ensinar” se “aprenda” constante e permanentemente.

A construção do ser/fazer professor realmente exige da pessoa que se propõe a viver como professor, ir se tornando capaz de gerar conhecimentos que transformem sua realidade, um compromisso pessoal e social de cunho politizado, que, mesmo que de maneira sutil, deve existir e urge se instaurar, cada vez mais, de forma intencional e comprometida.

Quando é possível vivenciar novos conhecimentos e novos desafios que são postos durante os encontros de formação, desacomodamos nossa capacidade investigativa a cerca do aprender e, conforme corrobora Freire (1992 p.155): “é que ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, sem aprender a refazer, a retocar o sonho por causa do qual a gente se pôs a caminhar”.

Assim parece ser pertinente investigar o ser/fazer professor, que ao caminhar, aprende, estuda, sistematiza e busca refletir-se em sua construção o social para o individual, em um permanente processo de ser aprendiz, para ressignificar sua práxis educacional.

Os encontros de auto/trans/formação, dialógico-problematizadora e reflexiva, embasam o trabalho cotidiano, no que tange ao fazer educacional, e concretizam as ações dos educadores em constante, permanente e inacabada, auto/trans/formação. Freire (1996, p.39), neste intuito, diz que tudo contribui e reflete “na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o de reflexão crítica sobre a prática. É (...) na prática (...) que se pode melhorar a próxima prática”.

O educador como principal mediador entre os conhecimentos construídos, entre as interações e socializações dos educandos torna-se referência de conceitos e atitudes, que o constituem como educador sensível no ser/fazer professor. É nessa perspectiva que esta pesquisa buscou conhecer esse ser/fazer educador, sua trajetória escolar, profissional, sua auto/trans/formação e como se desenvolveu o ser/fazer professor ao longo de sua trajetória pessoal e profissional, de fundamental importância para se pensar em qualidade de ensino e função social da escola na modalidade de Educação de Jovens e Adultos.

Esta investigação buscou, desta maneira, possibilidades em discutir, pensar nos espaços de auto/trans/formação inacabada e permanente, como campo fértil de pesquisa e, como coloca Larrosa (2002, p.20): “*a saber*, pensar a educação a partir do par experiência/sentido”, considerando-se a experiência como algo significativo que “nos acontece, nos toca”, como crenças, valores, desejos, medos, portanto, atos de

possibilidades humanas, ou seja, o inédito-viável que ao nos tocar vai propiciando condições para que nos auto/transformemos permanentemente.

Questões como essas nos fazem pensar uma prática que, inserida na proposta, que se torna indispensável às reflexões do grupo sobre as ações e que avaliem e (re)avaliem o trabalho e, desta forma, saia diferente de como entrou, num processo dialético de auto/trans/formação constante, pois inacabada e dinâmica como a vida dos seres humanos que se sabem como tais. Aliás, o que percebo é o empenho dos professores durante os encontros de formação como resultados sensíveis que configuram uma mudança no perfil do grupo e nas perspectivas do PROEJA.

Este diálogo que os professores se propuseram fazer, durante os momentos da formação permanente, leva a constante procura pelo entendimento das vivências que os educandos têm de escola e sobre como trabalhar com os muitos saberes, transformando a curiosidade espontânea em curiosidade epistemológica, num constante devir que desafia a todos a seguir (re)aprendendo. Por isso que a formação permanente, na perspectiva de reflexão e discussão, é imprescindível à prática docente de hoje para os educadores e educandos em constante interação.

Os encontros de formação foram momentos de estudos e indagações, sempre pela prática do diálogo curioso, problematizador e reflexivo, como considera Freire (2007, p.120):

(...) estudar é também e, sobretudo, pensar a prática e pensar a prática é a melhor maneira de pensar certo. Desta forma, quem estuda não deve perder nenhuma oportunidade, em suas relações com os outros, com a realidade, para assumir uma postura curiosa. A de quem pergunta, a de quem indaga, a de quem busca.

Desta maneira, em todo processo de auto/trans/formação permante, faz-se necessário ter presente as diferentes etapas do desenvolvimento profissional e ter como referência os saberes docentes, o reconhecimento e a valorização dos mesmos, bem como a sua importância no exercício da profissão professor. Evidencia-se que a reflexão acerca das experiências docentes na escola é o que fundamenta a própria formação, emergindo daí as “temáticas geradoras” com cuja realidade os diálogos e as reflexões foram mediatizadas e construídas. Nesse cotidiano, ele aprende, desaprende, reorganiza o aprendizado, faz descobertas, constrói uma nova perspectiva de auto/trans/formação continuada, intersubjetiva e dialógica, com um trabalho de reflexão crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente, pessoal e profissional, no percurso de suas trajetórias.

Os professores são unânimes em reconhecer e apontar nos espaços da auto/trans/formação continuada um momento de trocas, planejamentos, (re)planejamentos e efervescentes discussões capazes de qualificar a educação como um todo. E o mais importante ocorreu no momento em que estes entenderam que não devem se preocupar com cobranças e resultados imediatos na Educação de Jovens e Adultos – EJA, e sim com a compreensão de sua prática nesta modalidade de ensino, com caráter libertário e emancipatório.

O diálogo é uma dimensão e componente primordial para uma reflexão (re)construtiva do papel e da auto/trans/formação do professor na atualidade. Acreditamos, assim como Freire (2007), que estudar é refletir sobre a prática, e esta dialética leva para uma melhor compreensão da mesma, muitas vezes, levando a mudanças que a tornam mais humana e emancipatória. Portanto, quem se envolve com o ato de estudar (e aprender, simultaneamente), a ação pedagógica para melhorá-la não pode afastar seu cotidiano investigativo da realidade do contexto de sua profissão. Afinal é no contexto que tais reflexões e ações tornam-se vivas e experimentadas.

Os docentes, meus companheiros e parceiros nesta caminhada, permitiram revelar-se enquanto aprendentes, mediando saberes, conhecimentos e novas práticas, a partir do que é possível pensar e fazer em PROEJA. Com este estudo, aprendi que os entrecruzamentos que se entrelaçam no fazer pedagógico sinalizam a importância que os momentos de formação permanente exercem no ser/fazer professor, no que tange a socialização dos saberes apreendidos e/ou reconstruídos no cotidiano escolar.

Ao mergulhar nos encontros de formação que envolvem o cotidiano dos docentes, percebe-se as várias formas que eles (re)inventaram-se no seu ser/fazer pedagógico e a partir deste (re)desenho emergem novas maneiras de ensinar e de saber/fazer docente. A narrativa indica que existe um tratamento diferenciado para falar, pensar e agir na Educação de Jovens e Adultos, por ser esta uma modalidade de ensino voltada para pessoas que não tiveram acesso, por algum motivo, ao ensino regular na idade considerada ideal. Porém, vale lembrar que esta modalidade trabalha com um público alvo formado por pessoas que têm conhecimentos próprios, que se formam em suas experiências de vida. Assim, uma atenção maior deve ser levada em consideração, como aponta Freire (1996) no que se refere ao ensinar e educar dialogicamente exige o saber escutar, pois é ao escutar que aprendemos a falar numa posição dialógica, que apresenta o outro como sujeito do saber.

Assim, não podemos esquecer que Freire (1996) diz que para ensinar é preciso comprometer-se e que extrapola as barreiras da transmissão de conhecimentos, mas criar novas possibilidades para a produção ou a construção dos mesmos. O papel docente, neste sentido, é de fundamental importância no processo, para além dos aspectos metodológicos e didáticos destinados às turmas de EJA. Ou seja,

(...) educar-se e educar na EJA requer, como condição primeira, o reconhecimento da condição humana própria e do outro, a escuta da palavra dita e vivida pela qual vimos *sendo gente* (FREIRE, 1998a), valorizando e reconhecendo que todos somos seres humanos cuja feitura vai se dando por processos de reciprocidades e intersubjetividades reflexivas e dialógicas. Somos homens e mulheres envolvidos em práxis educativas para aprender a *ser mais* (Ibid.) em todas as dimensões do humano, buscando interligar o intelectual e o emocional, o pensar e o sentir, o teórico e o prático, o dever e o prazer, o aprender e a alegria, o individual e o social. (HENZ, C. 2010, p 02.)

Presenciamos nos encontros um entrecruzamento de experiências e vozes, narrativas de momentos e lugares, neles experienciamos um fervilhar de ideias, encontramos bifurcações, novas possibilidades, novos caminhos, vivemos muito mais com perguntas do que com respostas. No envolvimento na/com a formação, a emoção e a razão se misturaram o que me levou a continuar a pesquisa com paixão e desejo de compreender como os espaços de formação nos formam e nos transformam no decorrer do trajeto.

A pesquisa foi sendo tecida com nossas histórias pessoais e profissionais, a emoção presente nas falas e a cada encontro uma oportunidade de nos auto/trans/formarmos, retomadas em nossas trajetórias pessoais, acadêmicas e profissionais.

Neste sentido, a pesquisa tem me possibilitado experienciar uma busca constante de aprendizagem, conhecer/conviver com os coautores da pesquisa proporcionou entender a dinâmica de ser professor na EJA integrada a educação profissional. Estes docentes se permitiram conhecer, se descobrir aprendentes constantemente. O que impulsiona conhecer e instaura novas perspectivas do “inédito viável”, “além de serem sonhos coletivos, deverão estar sempre a serviço da coletividade, não têm um fim em si mesmo”. (FREIRE, 2008, p.233)

Na concretização do “ser mais”, “o ser humano está em permanente procura, aventurando-se curiosamente no conhecimento de si mesmo e do mundo, além de lutar pela afirmação/conquista de sua liberdade.” (ZITHOSKI, 2008, p.380) Este conceito chave de Freire, sobre a concepção de ser humano, articula-se a partir do diálogo

problematizador que os docentes ao construírem os caminhos concretos às práticas transformadoras em busca de novos conhecimentos.

A partir das narrativas recheadas de histórias, subjetividades, lembradas na memória de cada um, procurei conhecer melhor o docente da Educação Profissional, meu olhar e reflexão, durante os encontros de formação, partiu no âmbito do desenvolvimento profissional e pessoal do docente. Em que a identidade profissional do ser/fazer professor está em constante construção, na busca de novos conhecimentos e o enfrentamento de novos desafios.

Referências

BRASIL. **Constituição Federal**, 1988.

BRASIL. **Lei n. 9.394**, de 20/12/1996 – Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

BRASIL. Ministério da Educação. Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA. **Documento Base**, Brasília, 2007.

FREIRE, A. M. In STRECK, D.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J.. **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

FREIRE, P. **Ação Cultural para a liberdade e outros escritos**. 12ªed. São Paulo, Paz e Terra, 2007.

_____. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 7ª. ed. São Paulo. Paz e Terra. 1996.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 46ª. ed. São Paulo. Paz e Terra, 2005.

HENZ, C. 2010, p 02. **Educação de Jovens e Adultos: processos de construção de relações intra e interpessoais**. Anais da APED SUL 2010, Universidade Estadual de Londrina/PR.

LARROSA, J.. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação, n 19, jan./fev./mar./abr., 2002.